



Foto: arquivo do autor

SAMUEL DE JESUS nasceu em Chartres, França, em 1974. Graduado em Belas Artes pela Escola Superior de Belas Artes de Tours, em Artes Plásticas/Teoria das Artes pela Universidade de Paris I (Panthéon-Sorbonne) e em História da Arte pela Universidade François Rabelais, é mestre em Artes Plásticas/Teoria das Artes pela Universidade de Paris 1 e doutor, sob coorientação, em Estudos Cinematográficos e Audiovisuais pela Universidade de Paris 3 (Sorbonne-Nouvelle) e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolveu pós-doutorado em Artes Plásticas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Atualmente é professor da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

“Condensação do fugaz e do eterno, a fotografia não é somente índice de um instante passado prorrogado no presente, estendido no futuro, ela não se limita a ser mero instrumento e gatilho da saudade. Ela é, e aqui está o que Samuel de Jesus nos ensina, por si própria, saudade. A imagem fotográfica – imagem-saudade, assim como a denomina – é o lugar onde a perda se perpetua. É a parede móvel na qual, à saída do amante, permanece à nossa vista o desenho de sombras.”

Do prefácio de *Augustin de Tugny*



autêntica
www.autenticaeditora.com.br

autêntica

Samuel de Jesus

SAUDADE

Samuel de Jesus

SAUDADE



DA POESIA MEDIEVAL
À FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA,
O PERCURSO DE UM
SENTIMENTO AMBÍGUO

autêntica

TRADUÇÃO Fernando Scheibe PREFÁCIO Augustin de Tugny

“Onde o ausente é comida, as saudades são fome”, escreve Antonio Viera no *Índice das coisas mais notáveis*. Parece dizer bem o “imperador da língua portuguesa” (como o nomeou Fernando Pessoa), essa mesma língua que se orgulha de ter uma única palavra para designar um sentimento cuja ambigüidade parece intraduzível aos outros idiomas – e, portanto, às outras culturas. Se são fome e plural, como quer o pregador jesuíta, as saudades são carência, e múltiplas. Carência, falta, ausência do que fui ou do que se foi, do que esteve e passou, do que se ama mas não está, do que se amou e nunca mais estará, do que se ama e jamais esteve. Assim, pois, como não há memória sem tempo, não há saudade sem lembrança. Por isso a pintura e sobretudo a fotografia se revelam, ao mesmo tempo, como repositórios e provocadores da atualização dessa dor – não necessariamente desesperançada mas sempre melancólica – causada pela imagem eternizada de um momento ou de uma paisagem, de uma pessoa ou de outro sentimento, de uma cena ou de outros tempos, radicalmente outros e singulares, únicos, irreproduzíveis. Centrando-se na fotografia, num percurso que começa pela etimologia da palavra e sua apropriação pela poesia medieval, passando pela pintura, Samuel de Jesus empreende exaustivo estudo sobre as relações entre aquela invenção relativamente recente, hoje tão universal e popularizada, e esse afeto no âmbito da cultura luso-brasileira. Não há exagero em afirmar que este é o mais complexo e monumental estudo sobre esse sentimento que nos é tão caro, com a vantagem de que o presente ensaio é fruto de um olhar estrangeiro, portanto menos sujeito à paixão com que a saudade foi contemplada pela historiografia, desde o século XIX, inclusive por correntes ideológicas ultraconservadoras dos dois lados do Atlântico. Com impressionante erudição, Samuel de Jesus repõe o tema da saudade em sofisticada perspectiva, inteiramente nova e inovadora, inaugurando outro momento na biografia desse sentimento inseparável de qualquer biografia.

Joaci Pereira Furtado
Professor do Instituto de Arte e Comunicação Social
da Universidade Federal Fluminense